

# Mudança de rumo na diplomacia

Fernando Henrique vai aprofundar, de hoje a sábado, questões globais anunciadas há um mês em discurso no Itamaraty

ARTHUR ITUASSU

Fernando Henrique segue em frente, de hoje a sábado, uma estratégia diplomática clara que começou em 10 de outubro, em Brasília, no Palácio Itamaraty. Em discurso para formandos do Instituto Rio Branco, a escola de formação de diplomatas, o presidente mudou o rumo da política externa brasileira pós-atentados terroristas.

Antes do dia 10 de outubro, o que o Brasil havia feito era invocar o Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (Tiar). A ação não teve repercussão. Foi emergencial. "Disse apenas: 'somos parceiros dos EUA em questões de segurança', que diferença isso faz?", pergunta a professora Letícia Pinheiro, especialista em política externa do Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio.

**Ameaça** – Visto o equívoco, mudou-se o rumo do barco. Da reação, a diplomacia brasileira passou para a ação. Era preciso dizer que segurança não é o bas-

tante. "Se ficássemos nas questões de segurança – onde o Brasil entraria? Que ameaça é o Brasil? A América do Sul – nós ficaríamos de fora das prioridades", observa Pinheiro.

Foi então que o presidente comentou sobre a "oportunidade que nos abre para tornar o ordenamento internacional mais imune ao irracionalismo, à intolerância e à exclusão" e apresentou "uma agenda bastante ampla".

Bota ampla nisso. Em Madri, em 26 de outubro, na Conferência sobre Transição e Consolidação Democráticas, Fernando Henrique defendeu a criação de um Estado palestino "democrático, coeso e economicamente viável". Alertou para a necessidade de fortalecer a ONU, "em particular o Conselho de Segurança". Afirmou que a globalização deve ser um fator de desenvolvimento, não de exclusão.

Depois, em 30 de outubro, veio a França e o "vive la France". Ali, o presidente deitou e rolou. Citou autores franceses. Bajulou a im-

portância histórica do país e do local onde discursava: a Assembléia Nacional. Foi aplaudido de pé. Criticou o protecionismo americano (e não o Europeu) e colocou o Brasil ao lado da França: "Países como França e Brasil estão mais do que credenciados a assumir um papel ativo na modulação de uma ordem mais imune ao dogmatismo e à exclusão". FH pediu a tributação do movimento internacional de capitais, uma globalização solidária. "A barbárie não é somente a covardia do terrorismo, mas também a intolerância ou a imposição de políticas unilaterais em escala planetária", discursou. Os franceses adoraram.

"No seu discurso, no sábado, o presidente frisarà que, se é relevante a ação conjunta contra o terrorismo, este não pode passar a ser o tema exclusivo da agenda internacional", disse o ministro das Relações Exteriores, Celso Lafer, antes de embarcar para Washington. Fernando Henrique irá muito além disso.

Colaborou Luiz Orlando Carneiro